

## Resumo

Há décadas, pensadores clássicos se debruçam sobre o inexorável fenômeno da urbanização do mundo, processo que nos salta os olhos nos diferentes lugares. Nesse sentido, quais são as representações do espaço urbano produzidas pelos indivíduos e grupos sociais em seu universo vivido? Quais são os impactos da urbanização na vida das pessoas comuns? Como as mudanças espaciais influenciam a teia de relações das mulheres e homens com seu chão experienciado? O presente texto procura se debruçar sobre algumas representações do espaço urbano. À guisa de exemplificação, abordaremos a marcha urbanizadora em voga na porção periurbana da Zona Oeste do Rio de Janeiro conhecida como Ilha de Guaratiba. Neste diapasão, buscaremos captar as representações de seus moradores em relação ao fenômeno urbano que vige em seus domínios.

**Palavras-chave:** Espaço Urbano. Representações. Valorização. Valoração. Ilha de Guaratiba

## Abstract:

*The unavoidable process of urbanization in the world has been discussed by classic thinkers of society for decades. This process is clearly recognizable in different parts of the globe. Considering that, what representations of the urban spaces do individuals and social groups create about the place they live? What are the impacts of urbanization in the lives of humble people? How do the changes in spatial occupation influence the way women and men relate to the place they live? This article tries to discuss some representations of urban spaces. More specifically, the progress of urban occupation at Ilha de Guaratiba, a peri-urban area at the West Zone of Rio de Janeiro, is discussed. The article also relates some of the representations that the inhabitants of this area of Rio make about the growing urbanization that is taking place there.*

**Key-Words:** Urban space. Representation. Valorization. Valoration. Ilha de Guaratiba.

Muitas têm sido as tentativas de se representar o espaço urbano por meio de definições que buscam dar conta desta realidade complexa, devido, sobretudo, aos inúmeros sujeitos que – na tentativa de impor ao mesmo seus propósitos e intencionalidades – lhe delegam inúmeros significados e representações. Em Corrêa (2000), o espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. Para Carlos (2007), não se pode separar a cidade do espaço urbano. Nessa perspectiva, a cidade é pensada enquanto trabalho social materializado, objetivado, que aparece na articulação do “construído e do não-construído” de um lado, e do movimento (de mercadorias, pessoas, ideias) de outro.

O enfoque marxista da cidade enfatiza o uso desigual do solo urbano, como a acumulação do capital imobiliário, a segregação sócio espacial, a luta de classes etc. Para o pensamento marxista a aparência dos fenômenos não é a sua essência, de modo que – diferentemente do positivismo – não procura explicar (representar) o espaço urbano apenas por intermédio de sua materialidade e fisionomia. O aspecto fundamental do materialismo histórico é a historicidade. Qualquer fenômeno para ser entendido precisa se situar em um processo histórico geral. A cidade, portanto, é resultado de forças históricas e, como entidade concreta, assume formas e funções diferentes, de acordo com o estágio alcançado pelas forças produtivas, pela complexidade da divisão do trabalho e pela correlação de forças entre as classes sociais em confronto. A cidade é, então, história materializada. O pensamento marxista acredita que o conflito está no cerne da sociedade de classes, constituindo-se este embate no próprio motor da história. Sob o capitalismo, o espaço urbano é encarado como palco central da luta de classes (MELLO, 1992).

Para Corrêa (2002), o espaço (urbano), no entanto, aparece efetivamente na análise marxista a partir da obra de Henri Lefebvre, por meio de seu argumento de que o espaço desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica e de um sistema (LEFEBVRE, 2008). O espaço entendido como social, vívido, em estreita correlação com a prática social não deve ser visto como absoluto e nem como um produto da sociedade. O espaço também não é apenas um instrumento político, tampouco um campo de ações de um indivíduo ou grupo, ligado ao processo de reprodução da força de trabalho através do consumo. Segundo Lefebvre (2008), o espaço é mais do que isso, pois engloba esta acepção e a ultrapassa, representando o lócus da reprodução das relações sociais de produção. Assim sendo, “a produção do espaço” vai muito além deste ou daquele objeto, que são apenas suas representações. A tentativa de defini-lo como um conjunto indissociável de coisas, sistemas, objetos, ações etc. – além de simplista, reduz o espaço (urbano) a uma representação inconsistente (LEFEBVRE, 2008, p.138).

Em sua abordagem sobre a valorização do espaço urbano, Carlos (2007) enfatiza que a relação entre o todo e a parte deve ser observada nesse processo ao asseverar que a construção de moradias obedece a uma ordem não apenas próxima, isto é, circunscrita à sua particularidade, referente àquela do lugar, mas a uma ordem distante, que recoloca essa particularidade em sua relação com a totalidade do espaço, no construído. Isto é, refere-se à articulação do lugar com a sociedade (p.52). Segundo a autora, o desenvolvimento do processo de reprodução do urbano englobando terras até então ociosas ou rurais dá-se através de um processo de integração que tende a aumentar a demanda por terra (p.53). O valor será determinado em função do conjunto ao

qual pertencem, uma vez que é na inter-relação entre o todo e a parte que ocorre o processo de valorização real ou potencial de cada parcela do espaço (p.54). Hoje, por exemplo, o verde, a proximidade da natureza, a localização, a relação custo-benefício etc. – tendem a influir na opção pela moradia de uma classe de renda média e alta. Estas têm – pelo seu poder aquisitivo – maiores possibilidades de escolha (p.55). No caso específico da região metropolitana, a mancha urbana que tem seu nó no centro, apresenta na periferia dois fenômenos: se por um lado, encontramos áreas residenciais de uma classe de baixo poder aquisitivo, encontramos também o contrário. Na periferia da mancha urbana metropolitana podem ocorrer os dois fenômenos simultaneamente, em decorrência do crescimento da metrópole e da concentração do capital. Um tipo de moradia é aquele destinado às classes de renda média e alta que podem “fugir” da metrópole, indo em busca da natureza e do ar puro, longe dos inconvenientes que o “progresso” trouxe (CARLOS, 2007). Como exemplo desse fenômeno de valorização fundiária/imobiliária, produzida a partir da valoração de seus atributos, podemos citar a processo de especulação que fez Ilha de Guaratiba (porção periférica do município do Rio de Janeiro) emergir como o mais novo “point residencial”, incorporado à cidade (Lessa, 2001; Fernandes, 2003; 2006; 2010; 2015).

Em Santos (1992), o caráter mutável do uso do solo na cidade capitalista decorre fundamentalmente de dois fatores: das necessidades do processo de acumulação capitalista e das necessidades de reprodução ampliada das classes sociais. Esses dois fatores, entretanto, não estão dissociados. A necessidade de maior consumo de espaço em decorrência da valorização fundiária responsável pela valorização dos imóveis nas áreas centrais aponta, ao mesmo tempo, condições bem mais vantajosas na periferia distante (CORRÊA, 2000). A exemplo do capital, as diversas classes se reproduzem também de forma ampliada, alterando-se nos planos quantitativo, qualitativo e espacial. Essa alteração cria novos padrões de consumo do espaço e faz parte da acumulação e do desenvolvimento do capitalismo (SANTOS, 1992).

Sendo o espaço a expressão territorializada da sociedade, o maior ou menor acesso a certos padrões de consumo se dá, em grande parte, pela segregação no espaço das diversas classes. Isso se verifica basicamente em decorrência da capacidade diferencial que cada grupo social tem de pagar pela residência que ocupa cuja característica é definida não só pelo padrão da residência, como por sua localização. Como parte do processo de produção do espaço urbano, os agentes produtores desse espaço provocam mudanças no uso residencial, alocando e realocando no espaço as diversas classes sociais ao longo do tempo. Novos espaços residenciais são produzidos nas periferias distantes com amenidades, espaços destinados, vale repetir, às classes sociais que podem pagar por esse padrão residencial (TRINDADE JR, 1996).

As inovações decorrentes do supracitado processo de produção de moradia a partir da valorização imobiliária, no entanto, dialeticamente, utiliza as representações da antiga conjuntura desse novo espaço que já existia por meio da quantificação do qualitativo, que para Lefebvre (1983) torna-se uma representação do capitalismo, e ao mesmo tempo se choca com a valoração produzida pelo processo de valorização – uma vez que a antiga estrutura social está embasada no qualitativo, no valor de uso, na valoração – e não aceita passivamente que tudo isso seja transformado em mercadoria em favor de uma fração de classe que não possui esse tipo de vínculo com o lugar (FERNANDES, 2015).

Esse texto propõe um debate sobre as diferentes representações do espaço (urbano) a partir da discussão do processo de valorização imobiliária e de suas implicações sobre a valoração do lugar. Nossa premissa é que, em casos específicos, o processo de valorização imobiliária (valor quantitativo, preço) que utiliza os atributos qualitativos do lugar como “chamarizes” para os “outsiders”, pode de-

tonar o fenômeno de valoração – entendida nesse artigo como estima, valor afetivo, carga identitária (HAESBAERT, 2004), referencial para a construção de identidades sócio-espaciais e sentimento de pertencimento (SOUZA, 2004) – nos “insiders”, conferindo a essa porção espacial uma dupla representação (LEFEBVRE, 1983). Com este objetivo, retomaremos nossas abordagens anteriores sobre o processo de valorização da porção periférica da cidade do Rio de Janeiro conhecida como Ilha de Guaratiba que desencadeou o fenômeno da valoração do guaratibano por seu lugar (FERNANDES, 2003; 2006; 2009; 2010; 2015). Como se trata de uma abordagem que privilegia aquilo que o espaço urbano representa para os diferentes sujeitos envolvidos na sua produção, antes de versarmos sobre a premissa proposta, traçaremos alguns contornos sobre as representações e o espaço urbano.

### Espaço urbano e representações

Para Lefebvre (2008), o urbano é uma forma pura: o ponto de encontro, o lugar de uma reunião, a simultaneidade. Para o autor em questão, essa forma não tem nenhum conteúdo específico, mas tudo a ela vem e nela vive. Trata-se de uma abstração, mas de uma abstração concreta, vinculada à prática. O urbano é cumulativo de todos os conteúdos (natureza, indústria, técnicas, riquezas, obras da cultura, maneiras de viver, rupturas do cotidiano etc.), todavia é mais e outra coisa que a acumulação. O urbano é forma e receptáculo, vazio e plenitude, superobjeto e não objeto. Ele se liga, de um lado, à lógica da forma, e, de outro, à dialética dos conteúdos. Tudo no urbano é calculável, quantificável, tudo, exceto o drama resultante da co-presença e da representação dos elementos calculados, quantificados (LEFEBVRE, 2008). Nesse sentido, as representações do espaço urbano estão/vão muito além dessa “abstração”, uma vez que são fruto da subjetividade individual e coletiva, sendo mais rica que “a coisa” em si.

Costa (2007) salienta que quando Lefebvre decodifica o espaço em prática espacial (espaço percebido), representações do espaço (espaço concebido) e espaço de representações (espaço vivido), sua intenção não é criar uma categorização fragmentadora do todo espacial, e sim procurar entender as relações entre uma nova multiplicidade de espaços que integram o espaço social, com suas particularidades e dinâmicas próprias, que não podem ser considerados de forma isolada, mas em uma relação dialética que está na base de sua proposta teórica sobre o processo de produção do espaço. Seguindo a proposta lefebvrea, podemos asseverar que a produção da sociedade (do espaço) é resultado deste “magma” de representações: o significante e o significado, o concreto e o abstrato, o valor de uso e o valor de troca, o quantitativo e o qualitativo, a obra e o produto, o valorizado e o valorado etc.

Em seu debate sobre o conceito de representação, Lefebvre (1983) argumenta que ela vem de dentro do sujeito, ou seja, cada sujeito possui sua representação sendo esta sua visão particular de uma determinada coisa, objeto, espaço etc. Para Lefebvre (1983), toda representação implica um valor que o sujeito canaliza sobre um objeto representativo para ele. Para que um objeto se valore, tem que estar representado, tem que ser representativo. Sendo assim, no momento em que um dado objeto passa a ser valorado pelo sujeito que passa a focalizá-lo de outra maneira, o mesmo passa a possuir outro tipo de representação, pelo menos para o sujeito que o focou de forma diferenciada. A valoração modifica a representação.

Para Lefebvre (1983), o valor emerge simultaneamente de seu duplo aspecto: valor do objeto considerado separadamente em sua relação com as necessidades: relacionado ao uso, à obra, ao qualitativo (valoração) – e o valor do objeto em sua relação com o dinheiro: valor de tro-

ca, valor-produto, valor quantitativo (valorização). Como cada agente produtor do espaço tem suas próprias representações, a área que para um determinado sujeito (como um proprietário fundiário ou um especulador imobiliário, por exemplo) representa apenas uma mercadoria a ser valorizada e/ou vendida, para outro (como, por exemplo, um morador antigo ou um novo morador), pode representar bem mais que um simples valor financeiro (Valorização), uma vez que por meio da exacerbação dos atributos, relacionados ao imaginário simbólico daqueles que ali vivenciam, há uma espécie de valoração que transcende o seu valor de troca. Segundo Lefebvre, cada membro de um grupo (o urbanista, o proprietário fundiário, o especulador imobiliário, inclusive o usuário) é capaz de intervir e formular exigências, tanto qualitativas, quanto quantitativas.

Não há objeto sem sujeito. Ou seja, o que existe, na realidade, é uma representação de uma determinada coisa que só tornou-se objeto após ter passado a representar algo pra alguém. Para se produzir um determinado produto, é necessário produzir primeiro as suas representações. Não se produz apenas o produto em si, mas também a sua imagem, a sua necessidade, as motivações para o seu consumo (LEFEBVRE, 1883). É nesse sentido que a representação é uma etapa, um nível, um momento do conhecimento, sendo preciso passar por ela para se sair dela, superando-a. A representação não consiste apenas em uma imagem, em um reflexo ou uma abstração qualquer, e sim em uma mediação. A sua intervenção é essencial no processo de transformação de uma determinada coisa (sem significado, sem importância) em um objeto significativo para o sujeito.

Apesar do esforço empreendido por nós nesse texto para tentar distinguir valor qualitativo (valoração) e valor quantitativo (valorização), Lefebvre (1983, p.56) assevera que uma das representações do capitalismo é a quantificação do qualitativo, que equivale à “valoração” do produto por meio da redução da obra em produto. O capitalismo cria uma necessidade, um desejo, cria representações que não são das pessoas, mas que passam a ser. Nem mesmo acerca destas representações podemos ser taxativos, tomando-as como boas ou más. Apesar de serem utilizadas para manipular, só a totalidade em movimento e os eventos por ela encadeados (SANTOS, 2002) vão nos dizer para qual ou para quais dos sujeitos responsáveis pela produção do espaço elas terão um efeito negativo ou positivo.

Por resultarem de uma atividade complexa, as representações substituem as coisas e, muitas vezes, resistem ao que vem de fora de uma maneira imposta (LEFEBVRE, 1983). Em muitos casos, o que vem de fora (ordem distante) é o grande responsável pelo surgimento de uma espécie de “autodefesa” por parte daqueles que possuem, ou que passam a agregar, outras formas de representações com relação ao seu lugar (ordem próxima). Nesse sentido, acreditamos ser interessante a análise do processo de urbanização da porção periurbana da cidade do rio de janeiro conhecida como Ilha de Guaratiba, uma vez que o processo de valorização imobiliária, em voga nesta localidade, culminou com uma mudança de valores não apenas quantitativa, mas também qualitativa. Na verdade, à partir do incremento de novos moradores (“outsiders”), os moradores de longa tradição (“insiders”) passaram a nutrir pelo lugar um apreço que antes não era percebido.

Baseando-se em pesquisas que consideraram tanto a questão material (financeira) quanto à questão simbólica (Fernandes, 2003; 2006; 2010; 2012; 2015), e crendo que em Ilha de Guaratiba ocorreu e ainda ocorre uma mudança de representações em diferentes níveis, pretendemos encaminhar essa abordagem para a temática aqui proposta, ou seja, as que dizem respeito às representações que envolvem a produção do espaço (urbano).

Ao focalizar a transformação do espaço indiferenciado em lugar através, tanto das experiências nele vividas quanto do processo de dotação de valor ao mesmo, Tuan (1983) refere-se ao valor simbólico e afetivo atribuído a uma dada localidade (valoração). No entanto, a passagem de espaço para lugar não envolve apenas o valor simbólico e afetivo da porção espacial na qual o indivíduo está inserido. Em muitos casos, o valor econômico conferido a um fixo, logradouro ou área representa um fator indispensável para transformações espaciais qualitativas (Fernandes, 2006; 2014; 2016). O elo afetivo entre a pessoa e o lugar é forjado através das experiências vividas, mediadas, na maioria das vezes, por uma longa e/ou intensa relação do indivíduo com o seu lugar. Esses valores são singulares e subjetivos, fazendo parte do acervo íntimo e particular de cada pessoa. Em sua abordagem humanística da relação entre espaço e lugar, Mello (1990), com base em Tuan (1983), assevera que certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio, “sem vida” ou até mesmo odiado (espaço), com o tempo ganha foros de lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas etc. (p.105). Espaços se tornam lugares não apenas por meio de trocas afetivas (valoração), mas também através de trocas econômicas ou por questão de status (valorização). Certos espaços só se tornam lugares após passarem por um processo de valorização que possibilite uma mudança de concepção naqueles que nele convivem. Nesse caso, a valorização do espaço produz a valoração de seus vivenciadores por sua base territorial experienciada que alcança assim o patamar de lugar (Tuan, 1980; 1983; Mello, 1990; Fernandes, 2003; 2006; 2014).

Ilha de Guaratiba, porção periférica da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, passa atualmente por um processo de transformação espacial que promoveu uma mudança de valores em parte considerável de seus residentes. Esse fenômeno diz respeito à mudança de concepção dos guaratibanos em relação à localidade após o início de um intenso processo de valorização imobiliária. O aludido fenômeno tem estimulado um considerável aumento dos fluxos de pessoas em direção ao local. Além da verdadeira marcha urbanizadora que vigora no lugar, por meio de pesquisas qualitativas, temos percebido outro fenômeno, de porte existencial, pois está vinculado a uma mudança de postura do guaratibano e a uma nova relação com o seu lugar.

Relatos verbais dos moradores revelaram que o fenômeno de valoração da área pesquisada é concomitante ao processo de valorização pelo qual a localidade vem passando. Por meio de seus depoimentos, muitos guaratibanos salientaram que a partir do momento em que o local começou a ser valorizado e “invadido” pelos “outsiders”, os “insiders”, começaram a olhar para Ilha de Guaratiba com outros olhos, ou seja, começaram a mudar a sua concepção em relação ao seu lugar e a manter outra relação com o mesmo. Nesse sentido, o local que para a maioria de seus residentes era símbolo de atraso, uma insignificante área de passagem que servia apenas de elo de ligação entre lugares “visíveis”, começa a ganhar novos contornos e passa a ser representativo para a maioria de seus vivenciadores, ganhando visibilidade.

Em relação à territorialidade (sentimento de pertencimento a uma base territorial), Haesbaert (2004) descreve sobre o seu caráter dual ao salientar a dicotomia: território e rede. Para Haesbaert, o território está vinculado a um enraizamento mais estável e mais íntimo com a “área de habitação” (espaço areolar). Já a rede, é exterior e não faz parte da essência local, pois se trata de um “espaço de fluxos”, criado a partir do rompimento de limites (espaço reticular).

A expansão do tecido urbano carioca, notabilizado pelo fenômeno descrito por Abreu (2008) como “febre imobiliária”, depois de ter percorrido o litoral a partir do centro da cidade (Área Central, Zona Sul, Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes) urge por atravessar o maciço (Serra da Grota Funda) em direção à Guaratiba (Lessa, 2001), incidindo sobre um “território” que começa a se descobrir como tal por seus residentes a partir de sua “invasão” por novos moradores

que, nesse caso, representam os fluxos de pessoas oriundas dos territórios-rede que, segundo Haesbaert (2004), tanto podem subordinar os grupos mais enraizados dos “territórios-zona” como podem por eles ser subordinados ou influenciados.

A valorização – aqui entendida como valor absoluto ou valor objetivo, preço ou valor econômico atribuído a um dado objeto, bem ou área – quando relacionada às formas de moradia direcionadas pelo mercado imobiliário, pode se tornar esclarecedora para elucidar a dinâmica envolvendo o fenômeno da criação do lugar. Nesse sentido, a visibilidade, compreendida como o caráter visual de uma determinada localidade, pode ser a maior responsável para que essa área alcance um determinado status relacionado ao seu valor imobiliário, como ocorre com a maioria dos bairros de estratos de renda expressivos (TUAN, 2013).

No contexto estadunidense, ainda na primeira metade do século passado, Walter Firey (1945; 2013) já se debruçava sobre a rede de relações entre a carga simbólica e sentimental dos lugares (valoração) e a sua atratividade residencial para as classes privilegiadas economicamente (valorização). No entendimento de Firey, a certos lugares não se deve atribuir apenas a variável econômica, uma vez que são dotados, igualmente, de uma espécie de “marca sentimental”. Entre os exemplos citados no estudo de Walter Firey está o caso de um bairro residencial de classe de renda alta conhecido como Beacon Hill, localizado na área central da cidade de Boston. No estudo em questão, Firey salienta que a crescente valorização econômica do bairro da Beacon Hill deve-se, sobretudo, à sua carga simbólica e às associações sentimentais construídas ao longo de sua história centenária. “Em Bacon Hill, articulou-se espacialmente uma série de sentimentos estéticos, históricos e familiares” (FIREY, 2013, P. 23).

Concernente à ligação entre a valorização imobiliária que vige em Ilha de Guaratiba (FERNANDES, 2006) e suas “representações espaciais” (FIREY, 2013, p. 22), consideremos o depoimento da senhora Dalva:

A partir do momento em que começaram a ver pessoas importantes: Wando, Victor Fazzano, Ernani Moraes etc. comprando um sítio ou uma casa em Ilha de Guaratiba, os moradores que não gostavam do lugar começaram a se perguntar: por que será que esses caras estão vindo para cá? Desse momento em diante, os guaratibanos mais jovens perceberam que o seu lugar tinha algo especial. Ilha de Guaratiba passou a ter valor para essas pessoas. A valorização imobiliária produziu muitas mudanças na localidade. O lugar cresceu e muita gente nova veio morar em Ilha de Guaratiba. Esse acréscimo de pessoas e atividades urbanas fez com que o jovem desse mais valor ao lugar. Há 20 anos, os mais jovens achavam que moravam no fim do mundo. Eles não gostavam de Ilha de Guaratiba. Hoje, no entanto, esses jovens amadureceram e passaram a dar mais valor ao lugar. Além disso, a questão ambiental está em voga atualmente. Esse fato contribuiu para que as pessoas (jovens e adultos) estivessem mais apegadas à natureza. Nesse bojo, a valorização que ocorre em Ilha de Guaratiba produz inquietação em seus moradores, que hoje dão mais valor ao bucolismo do seu lugar. Se pessoas de bairros nobres e tradicionais estão vindo morar aqui, é porque o lugar tem valor, não é mesmo? Há alguns anos, os jovens daqui desejavam estar nos lugares de onde vem parte considerável dos novos moradores do local. Além disso, o aumento da violência urbana fez com que o jovem guaratibano atribuisse mais valor ao seu bairro. A valorização que partiu de outras pessoas, oriundas de outros lugares, certamente contribuiu para que nós – guaratibanos – “valorizássemos” ainda mais o nosso lugar. Hoje, até os nossos jovens estão mais apegados ao lugar (Dalva – dona de casa – 66 anos).

Existe uma máxima, empregada habitualmente pelo senso comum, segundo a qual, “as pessoas só dão valor às coisas depois que as perdem”. Tal axioma revela uma recorrente tendência humana, uma vez que, a ausência de um bem essencial, de uma característica ou artefato relevante, ou de uma pessoa amada ou querida, em muitos casos, nos leva a reconhecer a importância de sua existência ou presença. Nesse sentido, presença e ausência estão diretamente relacionadas, uma vez que a ausência da pessoa amada, por exemplo, pode ser a maior responsável por sua presença em

nossa mente e coração (LEFEBVRE, 1983). Não apenas a ausência, mas também o medo de que algo imprescindível seja perdido, pode vir a desencadear uma série de mudanças na postura e na existencial maneira de viver de determinados indivíduos e grupos sociais (BUTTIMER, 2015).

A questão aqui é simples e consiste em desvendar a seguinte indagação: será que o processo de valorização (econômica) que vige em Ilha de Guaratiba pode exercer influência sobre a maneira como os moradores vivenciam o lugar? Será que depois de valorizado, do ponto de vista econômico, o lugar passou a ser mais “valorado” por seus residentes?

Isto posto, podemos frisar que a inquietação do guaratibano, causada por receio ou suspeita da rivalidade representada pela presença de novos moradores em seu lugar, pode ter sido o preâmbulo de uma nova relação com seu universo vivido, como nos aponta o relato da Dona Dalva. Observando seu depoimento, notamos que, no tocante ao caso específico de Ilha de Guaratiba, a valorização imobiliária não promoveu apenas mudanças espaciais. Por diferentes motivos, o acréscimo de novas residências e moradores desencadeou uma mudança de postura dos guaratibanos mais jovens que, após a referida valorização, passaram a “valorar” o lugar ao qual antes tratavam com indiferença. Neste aspecto, considerando o aludido depoimento, podemos sublinhar que essa nova relação dos mais jovens pode ser entendida como uma verdadeira “metamorfose existencial”, uma vez que o desapego pelo outrora “espaço” residencial metamorfoseou-se em afeto por seu “lugar” hodierno. Concernente aos sentimentos pertinentes às mudanças advindas da especulação, da valorização, da urbanização, guaratibanos – enciumados, perplexos e assustados por assistir seu mundo vivido sendo invadido por pessoas e famílias oriundas de outros bairros em meio a este processo de invasão-sucessão (CORRÊA, 2000) – passam a reforçar ainda mais seus laços com o universo vivido em tela que pulsa ainda mais na condição de lugar.

A valoração – entendida no tocante à subjetividade, estima, valor afetivo, carga identitária (HAESBAERT, 2004), referenciais para a construção de identidades espaciais e sentimento de pertencimento (SOUZA, 2004) – denota o valor simbólico e/ou filosófico atribuído a determinado lugar, sendo construída a partir de experiências vividas. A passagem de espaço para lugar envolve, principalmente, o valor afetivo e simbólico da porção espacial na qual o indivíduo está inserido. Em muitos casos, todavia, o valor econômico, ou de outras esferas, conferido a um artefato, logradouro ou área, pode ser um elemento fundamental para a construção de vínculos e sentimento de pertença. Nessa trilha, podemos então inferir que, em casos específicos, a valorização de um determinado espaço pode produzir sua valoração e consequente transformação em lugar (FERNANDES, 2003; 2006; 2010).

Considerando que o indivíduo não é distinto de seu lugar (COSGROVE, 2004; LOWENTHAL, 1982), como reiteram todos os geógrafos da ala humanística, concluímos igualmente, que os eventos ocorridos em certo domínio espacial podem influir, direta ou indiretamente, na vida daqueles que o vivenciam. Metamorfozes espaciais são canalizadas pelo seres humanos podendo mudar a forma de viver e até mesmo a maneira como se relacionam com seu lugar vivido. Nestas circunstâncias, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar, forjado na lida do dia-a-dia, pode ser enfraquecido ou reforçado, dependendo do modo como as mudanças são introjetadas.

Por meio da leitura do depoimento utilizado e proferido por Dona Dalva nesta escala investigativa, captamos que, antes da especulação e da valorização imobiliária o local era tratado com certa indiferença, principalmente por seus moradores mais jovens. Em uma clara postura etnocêntrica acreditavam morar no “fim do mundo” ou “onde Judas perdeu as botas”, desejando migrar para lugares mais luminosos, onde os atributos da urbanidade lhes proporcionassem uma vida dinâmica. Isto posto, convém lembrar, o etnocentrismo assume contornos de valorização do lugar e da pessoa e, por outro lado, a internalização de aspectos negativos conduzem à depreciação do lugar vivido e da própria autoestima (TUAN, 1980; 2013; MELLO, 2000).

Para esses, Ilha de Guaratiba não passava de um espaço indiferenciado, uma vez que não era por eles valorado (TUAN, 2013; FERNANDES, 2003; 2006; 2010). Entretanto, após a valorização (econômica) que conferiu relevância ao local, esses insiders, ao notar seu universo vivido sendo apossado por outsiders, começam a mudar de opinião, desenvolvendo um outro sentimento em relação ao mesmo. Por meio do mencionado fenômeno, jovens guaratibanos passam a dar mais valor ao seu mundo vivido. Essa valorização, emersa a partir da valorização, desencadeou uma mudança de postura nos moradores passando a nutrir por seu universo vivido sentimentos, baseados em uma nova relação (FERNANDES 2003; 2006; 2010). A indiferença, desprezo, desdém, rejeição, desconsideração, desinteresse, apatia e insensibilidade de outrora, são então substituídos pela admiração, orgulho, afeição, simpatia, satisfação, amor e demais sentimentos valorativos responsáveis por relatos verbais que, tanto expressam relações íntimas com o lugar, quanto demonstram sua expressão como tal. No entanto, antes de tentar traduzir os sentimentos topofílicos dos guaratibanos – manifestos a partir de novas experiências com seu mundo vivido – procuraremos captar, em seguida, as angústias de guaratibanos temerosos em relação a uma suposta expulsão – por conta da valorização econômica – do seu universo vivido.

A passagem de “espaço” para “lugar”, como temos discorrido, emerge das experiências vividas pelos indivíduos em sua base territorial. Por ser de natureza existencial, essa mudança subjetiva ocorre a partir da mudança de postura de um determinado indivíduo ou grupo na relação com sua porção espacial. Por fazer parte do acervo íntimo do homem comum, esse tipo de experiência só pode ser descrita através de depoimentos onde o mesmo pode relatar suas práticas cotidianas e os valores simbólicos atribuídos a um outrora “espaço indiferenciado”, transformado gradativamente em “lugar” (Tuan, 1983; Mello, 1990; Fernandes, 2006; 2015).

### Considerações finais

Por representar uma realidade hiper-complexa e por possuir diversas dimensões, o urbano é representado de formas variadas. Nesse sentido, Yáziqi (2003), em seu discurso sobre os diversos valores que envolvem o ambiente urbano (valor histórico, valor social, valor econômico, valor afetivo etc.), salienta sobre a relevância do sentimento de pertença na construção de um patrimônio urbano permanente. Segundo Yáziqi, sem querença não se pode esperar grande coisa de um aglomerado urbano, cada vez mais convertido em uma forma moderna de acampamento. O valor afetivo representa uma condição indispensável para a construção de um espaço urbano que seja percebido como patrimônio, como obra.

Em uma tentativa de fugir das definições tradicionais que ligam a realidade urbana apenas às materialidades inerentes à cidade, Hiernaux (2006) nos propõe uma dimensão subjetiva do urbano, onde o mesmo é representado pelas figuras do labirinto, do fugaz e do fortuito. Segundo essa abordagem, a figura do labirinto representa a complexidade inerente ao espaço urbano. Essa complexidade pode ser entendida por meio dos diversos caminhos ou pela diversidade de representações da realidade onde o homem moderno, o homo urbanus, ao perceber essa complexidade, encontra caminhos diferentes cada vez que se apresenta uma nova situação. O fugaz representa a dimensão temporal do urbano, representa o seu ritmo, a velocidade e a mobilidade a ele relacionados. Hiernaux explicita que o tempo das sociedades rurais tradicionais difere sensivelmente das temporalidades do mundo urbano. A cidade implica movimento, mas

talvez, sobretudo, velocidade. Os ritmos lentos da transformação das sociedades tradicionais remetiam a uma vida tranquila, sendo poucas as possibilidades de mudança que, quando se manifestavam, dava-se a longo prazo. Pelo contrário, a cidade implicou rapidamente a imposição de um ritmo muito diferente, marcado pela velocidade das ações. A vida urbana esteve marcada, desde seu princípio, por outra temporalidade, assim sendo, o fugaz tornou-se a forma de viver na cidade. O fugaz se torna assim uma característica dominante da vida urbana, e isso se expressa em todas as esferas do cotidiano.

Associado tanto à fugacidade quanto à figura do labirinto, surge como representação do espaço urbano o fortuito – representando as inovações inerentes à cidade e ao urbano. Se o labirinto é a representação metafórica da cidade, então não se pode prever o que aparecerá ao virar a esquina, “pois a cidade oferece novas possibilidades a cada cruzamento de ruas” (HIERNAUX, 2006, p.2002). O fortuito não implica que a cidade funcione caoticamente, em cujo caso tudo poderia ocorrer, mas sim que a concentração de indivíduos com experiências e trajetórias distintas implica que do encontro de tantas diferenças, sempre pode surgir algo novo, inesperado, fortuito. Neste sentido, a cidade é berço de inovações porque reúne uma multiplicidade de experiências humanas que, situadas em um substrato labiríntico, marcado pela fugacidade do que ali ocorre, permite uma situação de combinações no infinito de eventos.

O fortuito é uma dimensão incontrolável do urbano, fonte de inovações e de uma reconstrução constante. Isto permite assinalar que se torna impossível descrever uma cidade de maneira definitiva. Ao transformá-la em um eterno recomeçar, o fortuito oferece uma qualidade extraordinária à vida urbana – apesar dos inegáveis elementos rotineiros que comportam a vida cotidiana. Neste sentido, o fortuito é o que permite as pequenas transgressões que aliviam o peso da estressante rotina. Sobre o fortuito se constrói a inovação social, a capacidade das cidades de se renovar. A cidade, sem o fortuito, seria um receptáculo vazio de nossas vivências, um suporte material da vida, onde seria impossível de se viver, onde a mudança social que se almeja não seria possível.

O labiríntico remete ao espacial desde o geográfico até a organização do espaço mental. O fugaz se remete ao temporal, e o fortuito ao social. “Estamos falando, então, de uma complementaridade real, em três campos articulados e dificilmente separáveis, de certa característica que é a marca de referência que define a cidade” (HIERNAUX, 2006, p.204). Essas dimensões do urbano nos induzem a pensá-lo como um suporte para inúmeras representações, uma vez que as mesmas derivam da concepção particular de cada indivíduo ou grupo de indivíduos. Neste sentido, o que representa um determinado espaço (urbano), localidade ou lugar, vai depender da visão concebida por cada um dos sujeitos envolvidos em sua (re)construção.

No desenrolar do processo de mudanças espaciais que vige em Ilha de Guaratiba, a especulação imobiliária pode ser considerada uma via de mão dupla. Ao fomentar a valorização imobiliária, essa prática especulativa contribuiu para que o morador passasse a “valorar” o seu outrora espaço, elevando-o à condição de lugar (FERNANDES, 2006). Hodiernamente, no entanto, a continuidade do processo de valorização – acompanhado de suas nuances – pode contribuir para que o guaratibano seja “expulso” de seu universo vivido. Eis a contradição: a valorização que ajudou a alçar um outrora espaço indiferenciado à condição de lugar por meio da valoração dos moradores por seu chão experienciado, hodiernamente, pode ser responsável por separar o guaratibano de seu lugar.

## Referências Bibliográficas

- ABREU, Maurício de Almeida. A \_\_\_\_\_ . Espaço e Política. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- BUTTIMER, Anne. Lar, Horizonte de Alcance e o Sentido de Lugar. Revista Geograficidade, Niterói, v.5, n.1, p. 4-19, verão 2015.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Cidade. São Paulo: Contexto, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço urbano. São Paulo: Ática, 2000.
- \_\_\_\_\_. Espaço: Um Conceito-Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.
- COSTA, Geraldo Magela. Teorias sócio-espaciais: diante de um impasse?. In: Espaço, Tempo e Crítica: Revista eletrônica de Ciências Humanas e Sociais. Nº2 (2), VOL. 1, 15 de julho de 2007.
- FERNANDES, Marcio Luis. Ilha de Guaratiba: de Espaço a Lugar. Monografia de graduação em geografia. Rio de Janeiro: MSB, 2003.
- \_\_\_\_\_. A Valorização do “Espaço” produzindo a Valoração do “Lugar”: O caso de Ilha de Guaratiba – R.J. Monografia de especialização. Rio de Janeiro: Departamento de geografia, UERJ, 2006.
- \_\_\_\_\_. Decodificando Geografias Pretéritas e Hodiernas de Ilha de Guaratiba. Dissertação de mestrado em geografia. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- \_\_\_\_\_. O Caráter Identitário da Toponímia. Anais do terceiro congresso internacional do núcleo de estudo das Américas. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
- \_\_\_\_\_. Um outro horizonte em busca da humanização da geografia. In: Revista Geograficidade, Niterói, v.4, n.1, p. 78-87, verão 2014.
- \_\_\_\_\_. Ilha de Guaratiba: Um lugar descortinado por seus moradores desaguando no Rio Olímpico. Tese de doutorado em geografia. Rio de Janeiro; UERJ, 2015.
- \_\_\_\_\_. O Lugar em sua multidimensionalidade. In: Revista GeoUERJ, Rio de Janeiro, n. 28, p. 96-115, 2016.
- FIREY, Walter. Sentiments and symbolism as ecological variables. American Sociological Review, v.10, n.2, p. 140-148, 1945. (Annual Meeting Papers).
- \_\_\_\_\_. Sentimentos e simbolismo como variáveis ecológicas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia cultural: uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ; 2013. p. 21-34.
- HAESBAERT, Rogério. O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HIERNAUX, Daniel. Repensar a Cidade: A Dimensão Ontológica do Urbano. In: GEOUSP – Espaço e Tempo (Nº 20): São Paulo, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. La Presencia y La Ausencia. Contribución a la teoría de las representaciones. México: FCE, 1983.
- LESSA, Carlos. O Rio de Todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e Imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRITOFOLETTI, Antônio. Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: A Perspectiva da Experiência Viva e uma Crítica Radical ao Positivismo. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.
- \_\_\_\_\_. Dos Espaços da Escuridão aos Lugares de Extrema Luminosidade – O Universo da Estrela Marlene como e documento para a construção de conceitos geográficos. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- \_\_\_\_\_. O espaço urbano nas diferentes abordagens geográficas. Rio de Janeiro: UERJ (mimeo), 1992.
- SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1992.
- \_\_\_\_\_. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- TRINDADE JR., Sant-Clair Cordeiro da. Estrutura Processo, Função e Forma: aplicabilidade à análise do espaço intra-urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). Ensaios de Geografia contemporânea – Milton Santos: obra revisada. São Paulo: Hucitec, 1996.
- TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- \_\_\_\_\_. Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.
- \_\_\_\_\_. Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência: Londrina, PR: EDUEL, 2013.
- YÁZIGI, Eduardo. Patrimônio Ambiental Urbano: refazendo um conceito para o planejamento urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs). Dilemas Urbanos: Novas Abordagens sobre a Cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

## ERRATAS

- Na *Capa* da revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017:

Onde se lia:

“Janeiro - Junho vol.14 nº1 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”

- Na *Ficha catalográfica* da revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017:

Onde se lia:

“Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pósgraduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - vol.14 nº1 (Jan-Jun) 2017 - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2017”

Leia-se:

“Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pósgraduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - vol.13 nº1 (Jan-Jun) 2017 - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2017”

- No artigo *Espaço e sociedade na ocupação dos sertões das minas – vale do rio Piranga, Minas Gerais, séculos XVIII e XIX*, de autoria de Mateus Rezende de Andrade, publicado na revista Geografias v. 13, n. 1, jan./jun. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Janeiro - 30 Junho de 2017. Vol.14, nº1, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”

- No artigo *Turismo no entorno de parques: um olhar territorial*, de autoria de Altair Sancho, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Janeiro - 30 Junho de 2017. Vol.14, nº1, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”

- No artigo *Representações do espaço urbano*, de autoria de Marcio Luis Fernandes, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Janeiro - 30 Junho de 2017. Vol.14, nº1, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”

- No artigo *Geografia em Comunidade: social entrepreneurship, university extension and innovative pedagogic initiatives in Diamantina, Minas Gerais state, Brazil*, de autoria de Douglas Sathler, Claudio Marinho e Michael Passow, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Janeiro - 30 Junho de 2016. Vol.14, nº1, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”

- No artigo *Aspectos teórico-metodológicos relativos à dimensão temporal e espacial do clima, de autoria de Carlos Henrique Jardim*, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Janeiro - 30 Junho de 2017. Vol.14, nº1, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”

- No artigo *Previsibilidade da pressão atmosférica local a partir de flutuações altimétricas registradas no Oeste Paulista*, de autoria de Antonio Jaschke Machado, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Janeiro - 30 Junho de 2016. Vol.14, nº1, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”.

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Janeiro - 30 Junho de 2016. Vol.12, nº1, 2016”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”.

- No artigo *10 anos da pesquisa em geoturismo no Brasil: balanços e perspectivas*, de autoria de Luciano Schaefer Pereira, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Janeiro - 30 Junho de 2017. Vol.14, nº1, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”

- No artigo *Ponderação de variáveis ambientais para determinação do Potencial de Uso Conservacionista para o Estado de Minas Gerais*, de autoria de Adriana Monteiro da Costa, João Herbert Moreira Viana, Laís Pinheiro Evangelista, Dayane Caroline de Carvalho, Klinsmann Cortezzi Pedras, Ivana de Marco Horta, Hugo Henrique de Cardoso Salis, Max Paulo Rocha Pereira e Jarbas Lima Dias Sampaio, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Janeiro - 30 Junho de 2017. Vol.14, nº1, 2017”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”

- No documento *Dissertações defendidas no Programa de Pós-graduação em Geografia/UFMG no 1º semestre de 2017*, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho – 31 de Dezembro de 2016. Vol.13, nº2, 2016”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”

- No documento *Teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFMG no 1º semestre de 2017*, publicado na revista Geografias, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017, em todas as

páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Belo Horizonte, 01 de Julho – 31 de Dezembro de 2016. Vol.13, nº2, 2016”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 13, n. 1, jan./jun. 2017”